

Os Compositores

10/10/99

Depois de ter encerrado com uma chave de ouro a história da ópera italiana pan-européia, ficando a outra chave de ouro nas mãos de Rossini, no último ano de sua vida, Mozart deu impulso definitivo a criação da ópera germânica com a Flauta Mágica.

A Flauta Mágica é um singspiel, isto é, um tipo de espetáculo que alterna os diálogos falados em alemão com as peças cantadas. O singspiel nasceu em Hamburgo no século XVII chegando no século seguinte até Dresden, mas sem maior expressão artística: caberia



portanto a Mozart levar o gênero ao nível de uma altíssima concepção musical e espetacular. Mozart já havia tentado o caminho do singspiel com alguns atos únicos juvenis ou até adolescenciais, quais “Bastien und Bastiene” e “La Finta Giardiniera” e mais tarde, com bem outro resultado artístico, com o “Rapto do Serralho”.

A Flauta Mágica veio revolucionar completamente o repertório e os hábitos do teatro alemão vienense, o qual se dedicava principalmente a espetáculos fantásticos e mágicos com sabor de diversão popular. A Flauta Mágica é uma espécie de soma das experiências artísticas de Mozart e

das suas tendências musicais, indo da complexa e fascinante textura da Overture ao sabor popular da figura de Papageno, da nobreza do canto de Tamino a virtuosidade dramática da Rainha da Noite, da doçura do bel canto de Pamina a severidade dos acentos de Sarastro, do sabor quase folclórico de alguns duetos ao complexo e sábio contraponto que prepara a entrada dos dois guerreiros.

O libreto é uma confusão de elementos, um *misch-masch* como diriam os austríacos que Schikaneder extraiu de uma fábula de Wieland reelaborada por Goethe. Nessa fábula há de tudo, do conflito entre a aristocracia e o povo à

sabedoria egípcia, da luta entre bem e mal ao final feliz com premiação dos bons e condenação dos maus. O próprio Schikaneder remanejou a sua primitiva idéia, tanto assim que o bem e o mal, representados no original pela Rainha da Noite e por Sarastro inverteram-se na edição definitiva, sendo Sarastro o representante do bem e a Rainha da Noite do mal. Mas sobretudo dominam no libreto os conceitos maçônicos, a começar pelo próprio ternário, que se afirma já nos primeiros compassos da ouverture com os três acordes dos metais, que retorna freqüentemente e culmina finalmente nos três templos de Sarastro, correspondendo a tríade

maçônica de liberdade, igualdade e fraternidade. Afinal de contas o enredo não é mais do que um itinerário de iniciação maçônica, com as relativas provas pelas quais os iniciandos têm que passar.

É maravilhoso pensar como Mozart saindo desse alfarrábio complicado e confuso tenha subido a tamanha altura artística, recolhendo a sabedoria formal e instrumental da tradição clássica, o gosto popular e a própria música de diversão vienense. Como já havia feito com as óperas italianas e, principalmente, com Don Giovanni Mozart retorna aqui às origens da ópera napolitana de 1600, enxertando nos cansados esquemas

da ópera italiana pan-européia do século XVIII, quase sempre mera seqüência de árias destinadas à exibição vocal, um grande número de peças de conjunto, duetos, trios, quintetos, os concertati de final de ato, em que todo mundo canta junto completando a ação, e até a “contaminatio”, isto é, a fusão de sério e cômico. Essa última característica é evidente na contraposição do popular e cômico Papageno à nobreza de Tamino e Sarastro e à fúria dramática da Rainha da Noite.

O enredo é fácil de ser resumido: o príncipe Tamino apaixona-se por Pamina filha da Rainha da Noite, e é protegido por Sarastro que quer

subtrair Pamina à perniciosa influência da mãe, maldosa e blasfema. Para alcançar isto porém os dois jovens, antes de entrar no templo deverão passar pelas provas iniciáticas maçônicas, nisto acompanhados pelo passarinho Papageno símbolo do povo inculto, primário em seus gostos mas bom e também passível de redenção. Tudo acaba bem, os dois casam; Papageno encontra em Papagena a sua companheira e a Rainha da Noite é precipitada nas trevas com suas damas.

Vamos conhecer portanto os personagens principais, através das árias nas quais se expressam; e começamos por Tamino, com sua

ária inicial “Dies Bildnis ist Bezaubernd Schön”. Perseguido por uma serpente Tamino é salvo por três damas da Rainha da Noite que perto dele desacordado deixam um retrato de Pamina. Acordando Tamino contempla o retrato, apaixonou-se pela moça e promete alcançá-la de qualquer maneira. Canta o tenor Fritz Wunderlich.

Música (5:12”)

Ária de Tamino

Disco: 01 Faixa: 04

Vamos agora conhecer Papageno, passarinho, trajado de várias cores diferentes como penas de pássaros, contando-nos o que ele

quer na vida: boa comida, boa bebida e uma mulher que o acompanhe em sua existência. Encontrará mais tarde essa mulher no corpo de uma velha decadente que de repente se transformará numa linda moça e que a ele se juntará num desejo de procriar muitos papageninhos.

Na estréia da ópera o papel de Papageno foi interpretado pelo próprio Schikaneder . Aqui canta para nós o grande barítono austríaco Dietrich Fischer-Dieskau.

Música (5:48”)
Ária de Papageno
Disco: 01 Faixa: 03

Vamos travar conhecimento com a Rainha da Noite, que se nos apresenta elegantíssima em seu manto estrelado, circundada pelas suas damas. Na visão final de Schikaneder ela é portanto a ferrenha inimiga do sumo sacerdote Sarastro. Seu coração é cheio de maldade, e ela mesma o diz nesta ária: “A vingança do inferno arde no meu coração”. Essa personagem merece uma menção especial, confiada como ela é a uma voz de soprano coloratura. É tradição na ópera italiana que o soprano coloratura, isto é, um soprano de tessitura agudíssima e com grande facilidade de vocalização, represente personagens juvenis ou

simbolizem a loucura. Mozart, pelo contrário consegue dar a essa vocalização um caráter áspero e trágico. Canta o soprano Roberta Peters.

Música (3:45”)
Ária da Rainha da Noite
Disco: 02 Faixa: 06

Personagem secundário mas muito bem delineado é o escravo Monostatos, símbolo da degradação humana na submissão ao poder do mal e do desejo ilícito, desejo nesse caso, de possuir a bela Pamina. A sua ária é de sabor francamente popular e quase vulgar. Canta o tenor Friedrich Lenz.

Música (1:40”)

Ária de Monostatos

Disco: 02 Faixa: 05

Numa certa altura das provas iniciáticas a jovem Pamina perde o contato com Tamino e se queixa da sua solidão expressando a sua dor numa ária que poderíamos definir um exemplo perfeito de bel canto: uma ária que exige uma perfeita técnica do legato e uma intensa expressividade. Canta o soprano Evelyn Lear.

Música (4:30”)

Ária de Pamina

Disco: 02 Faixa: 09

Finalmente o personagem do Sarastro o sumo sacerdote do templo, ou melhor, dos três templos. Nessa ária Sarastro invoca Isis e Osiris, deuses egípcios; e é claro o conteúdo daquelas doutrinas maçônicas que por longos caminhos ainda derivam da espiritualidade e da concepção social dos antigos sacerdotes egípcios. Não é apenas coincidência essa exaltação da maçonaria à qual, na verdade Mozart e Schikaneder eram filiados. Canta o baixo Franz Crass. A última frase de cada estrofe é repetida pelo coro dos sacerdotes.

Música (3:39”)

124

Ária de Sarastro

Disco: 02 Faixa: 10

Desde a semana passada eu fiquei em dívida com os meus ouvintes do segundo e do terceiro andamento do Concerto para Piano e Orquestra em La Menor opus 16 de Edvard Grieg, do qual já amplamente falamos. Eis então que pago a dívida. Toca o pianista Von Cliburn com a Orquestra Filarmônica de Filadélfia regida por Eugene Ormandy.

Música (16:39”)

Concerto de Piano

Disco: 03 Faixas: 05 e 06.